



VIDA PAROQUIAL



Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

NÓS E A IGREJA

Para muitos católicos, a Igreja é apenas a Igreja da sua terra, maior ou menor, onde foram baptizados, na qual receberam a comunhão solene, onde foram, um dia, prometer amor eterno, ligando-se pelos laços sagrados do matrimónio e à qual irão, num dia de luto, de lágrimas e de tristeza, receber a última absolvição, a quando da morte; é o templo, onde vão rezar e ouvir missa, templo de recordações sérias e que, sem dúvida, tem de deixar funda impressão nas almas: é lá que se encontra o Sacrário e a Imagem terna e suave da Virgem ou do Santo protector.

Poucos saiem deste âmbito reduzido.

Vamos pensar um pouco, a ver se alargamos os horizontes.

Todo o homem ao nascer é colocado na sociedade civil, fazendo parte integral dela, sendo uma molécula consciente da mesma. O homem baptizado, cristão, católico, ao receber as águas do baptismo fica também a pertencer a outra sociedade tão perfeita como a primeira, embora com fins diversos. A essa sociedade, fundada por Jesus Cristo, o Filho de Deus humanado, chamamos nós a Igreja. A Igreja é pois uma Sociedade, isto é, uma comunhão entre vários seres inteligentes, fundada por Jesus Cristo, com o fim de salvar o homem, de o guiar, pela graça, para a vida sobrenatural.

Jesus compara-a a um grão de mostarda que vai crescendo, se desenvolve e se torna árvore frondosa. Ele mesmo se diz o tronco da grande árvore de que nós somos os ramos e S. Paulo compara-a a um grande Corpo de que Cristo é a Cabeça e nós os membros. Quer dizer, a Igreja é Cristo, o Papa, os Bispos, os Sacerdotes, todos os cristãos, unidos pela mesma fé, santificados pelos mesmos Sacramentos, obedecendo à mesma lei. Por isso todos unidos, todos amigos, todos irmãos.

Portanto cada um de nós faz parte da Igreja e parte activa. Basta para isso estarmos unidos a Cristo, ao Papa, aos Bispos.

Amemos a Igreja. Sejamos filhos dilectos. Cumpramos os nossos deveres de Filhos da Igreja.

VIDA DA PARÓQUIA

Festas de S. João

Decorreram com brilho invulgar, as festas em honra de S. João Baptista, orago da nossa freguesia. Tudo concorreu para isso, desde o esforço da Comissão das Festas, até à mais pequena mola de toda a engrenagem. O fogo foi esplêndido, a música agradou sobremodo e os gaiteiros encantaram, embora atrasassem os ares com os seus bombos barulhentos.

Notou-se a melhor ordem, não havendo zaragatas, pelo que a Ex.ª Guarda Republicana não teve que agir, embora a sua colaboração fosse preciosa.

A procissão foi imponente, percorrendo as ruas ornamentadas com gosto, revelando o esforço e bairrismo dos figueiroenses que, quando querem, fazem boa figura.

Grande concurso de povo e muito respeito denotam quanta devoção se mantém ainda ao nosso Santo Patrono.

Que ele nos abençoe e todo o esforço dispendido.

+

Igreja Paroquial

Alguns jornais, nomeadamente «Diário Popular» e «Diário do

(Continua na 3.ª pág.)

CATECISMO



V LIÇÃO

O Mistério da Santíssima Trindade

Prestai atenção às palavras do Credo; dizeis: «Creio em Deus, Pai todo-poderoso... em Jesus Cristo seu Filho único... no Espírito Santo...» Afirmáeis portanto que há um só Deus, mas que Nele há três pessoas.

Quem é que nos ensinou claramente todo este mistério? Foi o Filho de Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo. No começo da sua vida pública, Jesus veio pedir a S. João Baptista, que vivia nas margens do Jordão, que lhe desse o baptismo de penitência, querendo assim mostrar que tomava sobre Si os pecados do mundo. João Baptista, que sabia que Jesus era o Messias, recusou-se a baptizá-lo. Jesus obrigou-o a fazê-lo. Então quando Jesus saiu da água, ouviu Deus Pai que dizia: «Este é o meu Filho bem amado em quem puz as minhas complacências» e viu-se o Espírito Santo que apareceu por cima de Jesus como uma pomba que pouso,

Foi assim que se manifestou a S. Trindade.

Antes de subir ao céu, Jesus, tendo terminado a sua missão, diz aos Apóstolos: «Ide, ensinai todas as nações, e baptizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo».

LIÇÃO

1.º — Que é o mistério da S. Trindade?

É o mistério dum só Deus em três pessoas iguais e distintas.

2.º — Quais são as pessoas da S. Trindade?

São: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

3.º — Cada uma das três pessoas é Deus?

Sim: O Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus.

4.º — O Pai, o Filho e o Espírito Santo são três Deuses?

Não, mas são um só e mesmo Deus.

5.º — Porque é que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só e mesmo Deus?

São um só e mesmo Deus, porque têm uma só e mesma natureza.

6.º — As três pessoas divinas são iguais em todas as coisas?

São, porque sendo um só Deus, têm as três as mesmas perfeições.

7.º — Quem nos deu a conhecer o mistério da S. Trindade?

Foi Jesus Cristo.

*

Pensarei na S. Trindade, vinda à minha alma pelo Baptismo, e se a

expulsar pelo pecado mortal, confessar-me-ei imediatamente.

*

Oração — Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

*

Liturgia — No primeiro domingo depois do Pentecostes, a Igreja celebra a festa da S. Trindade, para honrar dum modo muito especial o grande mistério dum só Deus em três pessoas.

As vestes litúrgicas são de cor branca.

Domingo

Domingo quer dizer dia do Senhor. É pois o dia em que cada um tem de viver apenas para a oração e para louvar o Criador.

É justo e está dentro da gratidão que o homem tem de ter para com o Deus que tudo lhe dá.

E é por isso que a Santa Igreja exige que todo o cristão assista à Missa ao domingo e não se dedique a trabalhos pesados. De facto a Missa é a oração mais perfeita que existe, o louvor mais completo da alma humana para com o seu Senhor.

Não faz sentido que alguém falte à Missa ao domingo por qualquer fútil motivo e trabalhe como em qualquer dia da semana.

Compreende-se que se tenham de deitar águas de roteiro, compreende-se qualquer trabalho leve, mas cavar terra, sarchar, semear, curar videiras, acarretar estrumes, ceifar, vindimar, etc., são graves pecados, que Deus terá de castigar severamente.

Quem sabe se as calamidades que vêm ao mundo não serão castigo de tantas loucuras.

Respeitemos o dia do Senhor. Rezemos, divertamo-nos cristãmente, mostremos em tudo que somos filhos de Deus.

VIDA DA PARÓQUIA AOS VICENTINOS

(Continuado da 1.^a pág.)

Norte», referiram-se ao estado lamentável em que se encontra a Igreja Matriz, chamando a atenção dos Monumentos Nacionais para tudo isso. Muito agradecemos, porque infelizmente não ouviram os nossos rogos. Já escrevemos duas vezes, já veio até nós o Ex.^{mo} Conservador dos Monumentos Nacionais de Leiria e até hoje nada. Mas não deixaremos de clamar e agradecemos os gritos que se unam aos nossos.

+

As pessoas que o desejarem, podem pagar as suas assinaturas na Sacristia. Mas quem não puder pagar lerá na mesma o jornal.

+

Assinai «Vida Paroquial». Lede «Vida Paroquial».

Servir é reinar...
Servir os pobrezinhos, Senhores, é reinar com Cristo porque servimos e com Deus escondido no humilde tugúrio onde Jesus se escondia de sofrer na pessoa do pobre...

Compreendemos agora a sublime loucura de amor que tinha pelos pobres um São João de Deus ou um S. Vicente de Paulo.

Ah! que eles sabiam que *tudo o que fizerdes ao mais pequenino dos meus, a mim o fazeis...*

E amavam até à loucura os pobres, os estropiados, os mais miseráveis e desprezíveis doentes — aqueles que a sociedade relega para os lugares mais afastados, como farrapos inúteis.

Ah! a caridade Cristã, a admirável redentora de tantos infelizes condenados pelo egoísmo duma sociedade sem alma e sem coração...

Vicentinos! — honremos o nosso padroeiro... nenhum de nós deve ignorar a vida admirável deste santo que se santificou pelo exercício da caridade elevada ao seu máximo grau de perfeição...

Perfeição compatível com a época e com os costumes, é claro.

O Vicentino é essencialmente um cristão de obras...

O Vicentino deve ser conhecido, votado e amado apenas pelas suas obras e não pelas palavras.

Por muito eloquentes e sentidas que elas sejam, as palavras passam, só as obras ficam.

É mais eloquente dar a um pobre uma camisa para cobrir a sua nudez, embora nada lhe digamos, do que manifestar-lhe o nosso pesar por o ver mal enroupado, deixando-o ir sem atendermos materialmente à sua necessidade presente...

Queridos Vicentinos... santifiquemo-nos nesta admirável escola da santidade...

Amemos os nossos pobres e todos os pobres como o nosso melhor tesouro. Eles são os instrumentos preciosos de que Deus se serve para nos ajudar na nossa santificação.

Vicentinos, alerta... não deixemos os nossos postos de honra... a onda da revolta contra Deus ruge ameaçadora e temerosa... façamos-lhe frente demodadamente...

— 12 —

casa especialmente quando eu andava nos trabalhos do campo».

Mas o elogio mais precioso fá-lo o assassino da inocente menina: «*Eu conheci-a sempre boa, obediente aos pais, piedosa, séria, não volúvel e irreflectida como as demais. Na rua andava sempre cheia de modéstia, zelosa e despachada em cumprir recados. Na obediência era sempre alegre e pronta. Contentava-se dos vestidos que a mãe lhe fazia ou que alguma pessoa lhe dava. Imitadora dos exemplos dos pais, era devota, observante da Lei de Deus e posso jurar que nunca a surpreendi em faltas contra a Lei de Deus. Nunca a ouvi mentir nem me consta que o tenha feito. Fugia das companheiras perigosas, como tanto a mãe lhe pedia».*

Mariazinha — oh! como bem aparece! — era o verdadeiro Anjo da família!

A MESTRA DOS IRMAOS

Não se julgue de antemão que a virtude da Bem-aventurada fosse puramente um instinto natural de bondade. Na humilde filha do

— 9 —

Aos seis anos, foi morar com a família para perto de Paliano, em Colle-Gianturco e depois para Ferriere di Conca.

Foi aqui que, um ano depois, o seu querido pai, atacado pela malária, tifoidea, meningite e tuberculose, adoeceu e morreu, deixando a paupérrima família na maior desolação.

O que não fez sua extremosa filhinha para evitar tão grande desventura! Andou por toda a parte, ajudando a mãe, à procura de auxílios; empregou os mais solícitos e humildes cuidados; suplicou, orou... mas Deus quis para si aquele pai que ela tanto estremecia.

Mais que todos os irmãos, a Mariazinha sentiu a agudeza daquela angústia, pois havia sido dotada dum entendimento muito superior à sua idade. E o que é para admirar é que aquela ferida nunca mais fechou. Passando quase diariamente pelo cemitério para ir às compras, parava sempre, tanto na ida como na volta, diante do portão, ajoelhava e rezava demoradamente por alma do saudoso paizinho. Ele fora tão bom! Morrera como um santo, mas no pensamento da pequena lavrava o temor filial e cristão de que estivesse talvez no purgatório e

HISTÓRIA

Isaac recebe por esposa a Rebecca

Porque estava já velho, Abraão quis escolher para seu filho uma esposa temente a Deus. E para isso mandou seu fiel servo Eliezer a Haran, onde vivia um irmão de Abraão. Não conhecia ninguém, mas após oração fervorosa a Deus, aproximou-se dele uma jovem bela que lhe deu de beber, assim que ele lhe pediu. Esta era a escolhida por Deus para ser a mulher de Isaac. Chamava-se Rebecca e era em extremo formosa e cheia de temor a Deus.

Esaú e Jacob

Deus ouviu as preces de Isaac e Jacob e deu-lhes dois filhos, Esaú e Jacob. Esaú era rude e peludo; Jacob era de pele macia e muito meigo. O primeiro tornou-se lavrador e o segundo dedicou-se à vida de pastor. Enquanto Isaac gostava mais de Esaú, Rebecca amava mais seu filho Jacob.

Mas cedo Jacob começou a suplantar Esaú. Vinha um dia

farto de trabalhar quando Jacob se encontrava a preparar um gostoso prato de lentilhas. Apeteceu a Esaú comer delas. E pediu-as ao irmão. «Sim dou-tas se me concederes o direito de primogenitura»? Esaú não hesitou e Jacob ficou portanto com este direito. E mais o suplantou quando conseguiu as bênçãos últimas do pai, já quase moribundo, preparando-lhe um jantar como Isaac pedira a Esaú.

Fuga de Jacob e sua morada em casa de Labão

Por isso teve Jacob de fugir às iras de seu irmão. Erra por montes e vales e uma noite, Deus aparece-lhe dando a terra que pisa aos seus descendentes, **em um dos quais serão abençoadas todas as nações.** Foi andando Jacob, até chegar junto dum poço, onde descansavam vários rebanhos, vindo a saber pertencerem a seu parente Labão. Em casa deste trabalhou muitos anos, vindo a casar com sua filha, Raquel.

O que toda a mulher deve saber antes do casamento

Confiar em si mesma e ser independente;

Cosinhar e fazer bom pão;

Lavar a roupa e engomar;

Fazer os seus vestidos;

Cerzir meias e pregar botões;

Preferir a boa reputação dos seus noivos ao dinheiro deles;

Ter a casa bem arrumada e cada coisa no lugar;

Quanto mais se afasta da economia mais se aproxima da pobreza;

Um rapaz trabalhador e bem comportado vale mais que uma meia dúzia de pelintras vestidos com elegância.

*

De uma mulher só se exigem quatro coisas: virtude no coração, modéstia na frente, doçura nos lábios e trabalho nas mãos.

A que assim for, é em toda a parte a mais rica, a mais pura, a mais bela, a mais honrada e mais amada.

— 10 —

precisasse de sufrágios. Desde então a reza do terço tornou-se familiar para ela e como que um dever sagrado, segundo afirma a mãe.

Depois da morte do pai, tornou-se mais séria e laboriosa, mais obediente e dedicada para com sua mãe e seus irmãos; e sobretudo, mais assídua e devota na oração. A vida de trabalho não podia ser melhor santificada.

Tinha já escolhido por protectores: S. José, Esposo puríssimo de Maria e Advogado da boa morte; o Lírio de Lisboa, Santo António, o Santo Anjo da Guarda e Nossa Senhora do Bom Conselho e do Rosário.

Todas as noites era ela quem exortava vivamente a mãe e os seus irmãos a rezarem o Terço, que ela dirigia com uma piedade edificante. E não satisfeita com estas rezas, depois de rezar em coro, em vez de se ir deitar para descansar dos trabalhos de todo o dia, ajoelhava aos pés de Nossa Senhora para rezar ainda outro Terço pela alma do seu saudoso pai, pois bem sabia que a mãe não dispunha de meios com que lhe pudessem sufragar a alma, mandando celebrar Missas por sua intenção.

— 11 —

A pequena enamorada do Santo Rosário de Nossa Senhora, sentia uma necessidade muito especial de repetir à sua doce Mãe do Céu «*Rogai por nós na hora da nossa morte!*» Oh, quão depressa chegaria aquela hora, e quão trágica havia de ser!...

Estes pequeninos ensaios da bondade angelical da Mariazinha não eram lampejos passageiros, mas sim rebentos naturais da sua alma virtuosa, sem intermitências e inconstâncias. É ainda a sua boa mãe que proclama a inalterável igualdade de comportamento da sua Mariazinha. No que diz respeito à obediência ela gosta de frisar: «*Sempre, sempre, sempre obediente a minha filhinha! Nunca me deu o mais pequenino desgosto. Mesmo quando recebia alguma repreensão imerecida, por faltazinhas involuntárias, nunca se mostrou rebelde, nunca se desculpou, mas mantinha-se calma, respeitosa, sem nunca ficar amuada.*»

Bastava um sinal para ela voar a cumprir as ordens recebidas. E para resumir numa simples expressão todo o equilíbrio, toda a abnegação desta menina do campo, a senhora Assunção revelou nos processos: «*Era ela quem dirigia a*